

## A CONCEPÇÃO DE LEITURA DO “LITERATURA EM MINHA CASA”: UMA BUSCA PELO PRAZER DO TEXTO

Moama Lorena de Lacerda MARQUES\*

(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Universidade Federal da Paraíba)

**RESUMO:** Nosso artigo tem por objetivo discutir a concepção de leitura que aparece em um dos principais programas governamentais já realizados, no Brasil, na área da promoção da leitura e da formação de leitores, o “Literatura em minha casa”. Para tanto, analisamos os textos introdutórios (prefácios) de três livros de poesia do referido programa, bem como observamos a seleção de autores e poemas, nos pautando em estudos de autores como Roland Barthes (*O prazer do texto*), Roger Chartier (*A ordem dos livros*), entre outros voltados para a História dos livros, da leitura e dos leitores, a exemplo de Regina Zilberman, Luiz Percival Leme Britto e Márcia Abreu. Por fim, como resultados, observamos que a concepção de leitura que mais tem espaço nos volumes analisados é a da leitura como entretenimento, prazer, evasão; concepção esta que faz parte de toda uma tradição de incentivo à leitura em nosso país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura em minha casa. Leitura. Concepção.

### 1. Conhecendo o “Literatura em minha casa”: uma introdução

O “Literatura em minha casa”, uma ação do PNBE/MEC (Programa Nacional Biblioteca da Escola/Ministério da Educação), distribuiu livros de literatura para os alunos da rede pública de todo o país durante os anos de 2002, 2003 e 2004. Tendo sido considerado inovador, pelo fato de entregar os livros diretamente aos alunos e por trabalhar com coleções que não circulavam no mercado, mas que eram feitas especialmente para o programa, o texto de seus editais e do prefácio dos seus livros, sempre escritos por pessoas de renome na área da leitura e da literatura, deixam entrever as concepções de leitura, de literatura e de leitor existentes no programa.

No presente trabalho, apresentaremos a concepção de leitura encontrada em três volumes de poesia do “Literatura em minha casa”, volumes estes prefaciados por diferentes e importantes instâncias do trabalho com o livro e a leitura no Brasil: o *Cinco Estrelas*, prefaciado pela escritora Ana Maria Machado, ganhadora do prêmio considerado uma espécie de Nobel da Literatura infanto-juvenil, o Hans Christian Anderson, o *Palavras de encantamento*, cujo prefácio é assinado pela professora e pesquisadora da UNICAMP Marisa Lajolo, e o *Trem de Alagoas e outros poemas*, que tem prefácio do tradutor Eduardo Brandão.

### 2. Analisando as obras: uma busca pelo mundo maravilhoso do texto

Dialogando com a tradição de incentivo à leitura, a concepção que aparece mais enfaticamente nos livros em análise é a que associa a leitura ao prazer, a que divulga o mundo maravilhoso do texto. Segundo Luiz Percival Leme Britto (2003), cuja opinião é compartilhada por Abreu (2001), a referida concepção - a da leitura como entretenimento, como diversão - é a imagem mais presente em campanhas de promoção do livro e da leitura.

---

\* Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFRN e doutoranda em Literatura e Cultura pela UFPB.

Ela se sustentaria em uma certa tradição da crítica e supõe desligamento do mundo real e forte caráter subjetivo (BRITTO, 2003).

No volume *Cinco Estrelas*, por exemplo, a leitura é apresentada como uma espécie de brincadeira, de encantamento que envolve o leitor e o faz se esquecer da hora. Vejamos:

Esta é uma coleção de livros para você ler na escola – e levar para casa também. Sabe aquela brincadeira que prende a atenção e faz a gente se esquecer da hora? Quando o escritor é bom, acontece a mesma coisa: o livro encanta e envolve a gente. Os autores que você vai ler formam um time de craques da nossa literatura. Pela primeira vez estão juntos, especialmente convocados para esta seleção. (PESSOA, 2001, p.6)

O referido trecho, além de colocar em evidência a preocupação com a circulação dos livros, estabelecendo como destino para eles tanto a escola quanto a casa dos alunos, apresenta essa relação entre leitura e prazer sob um aspecto interessante: a condição para que o leitor se encante é a de que o autor seja bom e não especificamente o texto; aspecto coerente com a ênfase que o *Cinco Estrelas* confere à questão da autoria, tendo como uma possível causa para essa ênfase o fato de a organizadora, Ana Maria Machado, ser escritora; no entanto, o trecho citado não é de Ana Maria Machado, mas parece ser - pois não está assinado - da equipe editorial, que apresenta a coleção de livros, da qual o *Cinco Estrelas* é apenas um dos volumes.

Nessa apresentação “editorial”, exposta antes do texto introdutório de Ana Maria Machado, vemos presente os mesmos recursos de valorização dos autores que integram o volume, inclusive a importância da organizadora, apresentada como uma escritora que ganhou diversos prêmios literários, inclusive o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infanto-juvenil. Já as características dos escritores que integram a coleção estão sempre associando a leitura ao prazer, ao encantamento, à emoção: os textos de Luiz Fernando Veríssimo, por exemplo, fariam os leitores rirem e se emocionarem e Chico Buarque seria capaz de convencer que poesia pode ser fácil e gostoso (MACHADO, 2001).

Os dois adjetivos citados como uma espécie de condição para que a criança possa estabelecer uma relação de empatia com o texto poético partem do pressuposto de que esse tipo de texto é considerado difícil e chato. As pesquisas realizadas pelo INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) confirmam essa consideração e apontam a escola como um espaço que tem grande responsabilidade por esse desinteresse pela poesia. O índice de leitores desse gênero é pequeno e decresce entre os que cursaram o Ensino Superior. Segundo Marica Abreu (2003, pp. 39-40):

A permanência na escola parece inibir até mesmo o gosto pela leitura de poesias: 28% dos que passam pelo segundo segmento do Ensino Fundamental dizem que costumam ler poesia, números que sobem ligeiramente (29%) entre os que foram ao ensino médio e caem fortemente entre os que estiveram em um curso superior (16%).

Entretanto, além do fato citado, a idéia da leitura, no caso específico da leitura de poesia, ter que ser fácil e prazerosa recai no que Luiz Percival Leme Britto (2003, p.108) denominou de “pedagogia do gostoso”:

Neutralizando a diferença fundamental estabelecida por Barthes, generalizou-se a idéia de que o que se faz com prazer é mais gostoso e mais fácil de aprender. Escamoteando a necessidade de disciplina e de trabalho, difundiu-se a crença de que a educação não pode ser chata, tem de ser natural. [...] a produção desta prática de leitura, que em outra oportunidade chamei de pedagogia do gostoso, favorece tanto o desenvolvimento de uma produção editorial de textos facilitados, colados na oralidade, de reprodução do senso comum, como uma aversão ao senso crítico e ao estudo sistemático.

A partir da citação acima, algumas considerações precisam ser feitas. A primeira diz respeito à própria natureza do **LMC**, que, apesar de ter a escola como distribuidora, intermediadora das coleções, o objetivo maior era o de que essas coleções fossem lidas despreziosamente, distantes do contexto de avaliação cobrado nas escolas. Assim, se dentro do espaço escolar já se enfatiza a necessidade de um trabalho com a leitura que fosse perpassado pelo prazer, fora dele essa idéia se firma com mais força ainda. E, tendo em vista a constatação de que os leitores não lêem muito o gênero poético, nada mais natural que Ana Maria Machado tentasse causar uma impressão positiva no leitor em relação ao referido gênero.

Outra consideração diz respeito ao que Luiz Percival Leme Britto expõe como consequência dessa “pedagogia do gostoso”, e que seria o favorecimento da produção de textos facilitados, que não pudessem incitar uma leitura crítica. Primeiro, sabemos, como o próprio Britto (2003) afirma, que o problema não tem a ver diretamente com o texto em si, mas com o modo de recepção do texto. Recordemos Chartier (1999, p. 7): “a leitura é rebelde e vadia” e se, por um lado, o leitor se depara com a tentativa de controle da produção de sentido expressa por algumas instâncias que trabalham com o livro, como, por exemplo, o autor, o livreiro-editor, o ilustrador, por outro lado “os artifícios de que lançam os leitores para obter um livro proibido, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos” (CHARTIER, 1999, p.7). O leitor não é um sujeito neutro, mas um ser histórico que constrói os sentidos que lê a partir de suas referências sócio-culturais (BRITTO, 2003).

Em segundo lugar, vimos que as coleções escolhidas para compor o **LMC** obedeceram a uma rigorosa seleção, apesar de contradições existentes em certos volumes, como no caso do *Trem de Alagoas e outros poemas*, cujo contato com a diversidade de costumes, gente e paisagens do território brasileiro, apesar de ser trazida no texto introdutório como um dos objetivos do volume, quando nos confrontamos com os poemas, não encontramos a sua presença.

Os poemas escolhidos para compor as antologias estão longe de ser “textos facilitados”, tanto que nos editais o MEC aconselha a presença de “notas explicativas”, embora, muitas vezes, essas notas ou não acrescentem nenhuma informação de valor ao texto ou induzam a interpretação do leitor de uma forma que condiciona o que o MEC pediu para ser evitado, ou seja, o “didatismo”.

O trecho de Britto que citamos ainda suscita algumas discussões em torno da concepção de prazer que atravessa o contexto escolar e as campanhas de promoção da leitura. Como vimos, ele afirma que se costuma neutralizar a diferença apontada por Barthes. E que diferença seria essa, qual seria a concepção de prazer que validaria o discurso em torno da necessidade de prazer no ato da leitura? Bem, Barthes demarca a diferença entre texto de prazer e texto de fruição, sempre expressando a linha tênue dessa demarcação. Ele indaga: “O prazer não é uma pequena fruição? A fruição não é apenas um prazer extremo?” (BARTHES,

2004, p. 27). A diferença ele traduz em termos de sensações que cada texto - o de prazer e o de fruição - pode provocar nos leitores:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais e psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2004, p. 20-21).

E é essa espécie de prazer associado a uma “prática confortável de leitura” que Britto critica em seus textos. Segundo ele:

[...] em função do debate escolar sobre a leitura e de um entendimento estreito da idéia de fruição do texto, vulgarizada a partir de livros como *O prazer do texto*, de Rolando Barthes, e *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, passou-se a promover a leitura de entretenimento, enfatizando-se o envolvimento emocional do leitor com a narrativa de ficção ou a identidade imediata entre o mundo do texto e o mundo do leitor. (BRITTO, 1999, p. 86).

Márcia Abreu (2001, p.150), tecendo uma crítica às campanhas de promoção de leitura, fala dessa mesma leitura de evasão e de identificação entre leitor e texto que aquelas campanhas divulgam. São palavras suas: “A leitura que se quer estimular é a de identificação e evasão, aquela que faz com que o leitor se sinta *Peri* em uma academia de ginástica”.

A referida pesquisadora defende a idéia de que o governo desperdiça dinheiro com esse tipo de campanha, pois o brasileiro se interessa pela leitura, só que a idéia de uma leitura mítica, associada sempre ao prazer, à tranquilidade, ao conforto, ao saber fecha os nossos olhos para outras práticas de leitura existentes no cotidiano, que nem sempre se relacionam aos substantivos citados (ABREU, 2001).

Essa leitura de evasão, de entretenimento relacionada sempre ao prazer vai aparecer nos três volumes analisados. Vejamos alguns fragmentos dos textos introdutórios que confirmam essa afirmação:

Do volume *Cinco Estrelas*:

Sabe aquela brincadeira que prende a atenção e faz a gente se esquecer da hora? Quando o escritor é bom, acontece a mesma coisa: o livro encanta e envolve a gente [...] Você vai rir e se emocionar com os personagens que o gaúcho Luiz Fernando Veríssimo é capaz de inventar [...] Chico Buarque vai convencer você de que poesia pode ser fácil e gostoso de ler [...] Prepare-se para uma viagem pela literatura com o prazer de quem vai começar um jogo com amigos queridos (PESSOA, 2001, pp.5-6).

Nesse primeiro trecho, já podemos apreender as duas metáforas, também presentes nos outros volumes, que vão caracterizar a relação entre leitura e prazer: a metáfora do jogo/brincadeira e a da viagem. No volume *Cinco Estrelas*, essas metáforas são construídas a partir da relação leitor/autor. Como vimos, em momento anterior, nesse trabalho, o referido volume concede bastante destaque à figura do escritor. Sendo assim, os efeitos de prazer e de emoção suscitados pela leitura o leitor os sentiria não exatamente a partir do contato com o texto, mas com o autor do texto. A condição estabelecida para que esses efeitos surjam não é a de que o texto seja bom, mas a de que o escritor o seja. O jogo estabelecido é entre o leitor e o autor: “um jogo com amigos queridos” (2001, p.6). E a idéia de viajar “pela literatura” tanto pode referir-se ao trânsito que o leitor terá a oportunidade de fazer pelas diversas épocas literárias, conhecendo os autores de maior destaque em cada uma delas, já que o *Cinco Estrelas* procurou escolher textos de momentos diversos, como também relacionar-se ao fato de querer apresentar para a o leitor o efeito de evasão a que ele vai chegar através da literatura, ou seja, tendo a literatura como instrumento, meio.

Uma das obras que Britto (1999) comenta ter influenciado na sedimentação de uma idéia distorcida do prazer provocado pela leitura foi o *Sobre a Leitura*, do escritor francês Marcel Proust. E a relação entre leitura e prazer revelada no trecho citado lembra muito a existente nessa obra de Proust. A idéia da brincadeira que prende a atenção e faz esquecer a hora vai estar presente em diversas imagens descritas por Proust ao mostrar o estado de encantamento provocado pela leitura, capaz de fazer o pequeno leitor renunciar a outras fontes de divertimento, como algumas brincadeiras típicas da infância. Vejamos um trecho que ilustra isso:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como a aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos em companhia de um livro predileto. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezásemos como um **obstáculo vulgar** a um **prazer divino**: o convite de um para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar, a merenda que nos obrigávamos a levar e que deixávamos intocada no banco, enquanto em nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul, o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências [...] (PROUST, 1991, p.9, grifo nosso).

Temos expressa nesse trecho de Proust uma relação entre leitura e prazer que toma proporções gigantescas: há um desligamento quase total do mundo real, substituído pelo mundo da fantasia, isto é, pelo mundo construído pelo e a partir dos livros. Todas as atividades e acontecimentos da realidade são descritos como obstáculos ao único prazer verdadeiramente possível - um “prazer divino”: aquele causado pela leitura. Dizemos “único” pois até mesmo os fatos do cotidiano que, freqüentemente, costumam ser fonte de deleite para uma criança, como o jogo e a merenda, por exemplo, são descritos em termos de total apatia frente às possibilidades de encantamento provocadas pelo contato com o livro.

É interessante observar, porém, que essa leitura de prazer não é uma leitura onde cabe qualquer objeto; o objeto não é um livro qualquer, mas “um livro predileto”; caso do trecho citado do volume *Cinco Estrelas*; porém, neste, a condição do efeito de prazer e de encantamento é conferida não à relação livro/leitor, mas à figura do autor, não se levando em

consideração os gostos e interesses particulares: bastaria o escritor ser bom! A exposição dessa idéia, na verdade, faz a editora aparentar total controle sobre a certeza de que o volume irá agradar quaisquer leitores.

E nós não podemos esquecer que além da importância de se ter feito uma seleção de autores e textos que agradassem os membros do MEC, ou seja, que obedecessem às imposições do edital, os textos introdutórios, sendo escritos numa linguagem sedutora e persuasiva, era um elemento a mais do qual as editoras poderiam se servir para conseguir que seus livros fossem selecionados.

Do volume *Palavras de Encantamento*:

Poesia brinca com a linguagem cotidiana, dando uma vontade danada de ser poeta também, de brincar com as palavras, de criar mundos e seres fantásticos, ou de ver os seres fantásticos que vivem em nós mesmos, em nossa vida e a nosso lado. Um poema deixa leitores e ouvintes encantados [...] Você não quer entrar nesse reino de palavras? (LAJOLO, 2001, p.6)

O trecho acima traz a mesma concepção de prazer associada a uma espécie de brincadeira, de viagem. Todavia, essa brincadeira se refere tanto ao processo de leitura quanto ao de criação do texto: a brincadeira que o poeta faz com as palavras, ou seja, que é intrínseca ao ato criador, se estende para a relação entre o leitor e o texto originado, podendo se dar sob duas formas: a que contempla a evasão provocada pela leitura, imprimindo no leitor a capacidade de recriar a realidade existente, tanto a realidade exterior quanto a realidade interior, e a que provoca no leitor o desejo de ocupar um lugar de autor, ou seja, de também brincar com as palavras e criar universos e seres fantásticos.

Essa brincadeira que o poeta realiza com as palavras cujo resultado, o texto, pode envolver o leitor a ponto de despertar nele o desejo de também criar, nos faz recordar a relação estabelecida por Roland Barthes (2004, p.9) entre o prazer do autor e o prazer do leitor:

Se leio com prazer essa frase, essa história ou essa palavra, é porque foram escritas no prazer (esse prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer do meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma impressão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo.

Ao contrário do que tínhamos no volume *Cinco Estrelas*, a garantia de que se o escritor fosse bom seus textos agradariam, Barthes argumenta que o prazer do autor não é garantia do prazer do leitor, o que se cria é uma possibilidade, um espaço - “espaço de fruição” - que pode ou não ser adentrado pelo leitor. A idéia desse prazer é, na verdade, muita mais voltada para a da fruição, ou seja, não é um prazer relacionado apenas a uma sensação de deleite, de contentamento e de conforto, mas sim aquele que também angustia, desconcerta, que agrega as “queixas do escritor”.



A outra condicionante, porém, Barthes tem como verdadeira: se o leitor sente prazer na leitura de um texto isso significa que esse texto foi criado no prazer; nesse caso, o leitor teria se deparado com aquele espaço de fruição construído no ato de criação.

Ainda associada à idéia de viagem, de evasão, temos o poema apresentado como um reino, espaço que faz parte de uma imagem muito presente no universo infantil: a de um lugar de príncipes, princesas, fantasia, histórias fantásticas, ou seja, um espaço que facilmente seduz o público infantil. O da poesia seria um “reino de palavras”, onde para adentrá-lo a única chave é a leitura do livro que era entregue em mãos.

Do volume *Trem de Alagoas e outros poemas*:

Poesia já é uma espécie de viagem, em que nossa emoção, nossa imaginação voam. O poeta, com suas idéias, suas imagens, o ritmo das suas palavras, nos leva para um mundo imaginário que vamos criando gostosamente, de verso em verso [...] A viagem poética também nos leva a outros rumos: ela nos fala de impressões, de sentimentos, de idéias que o poeta tem da vida, do mundo, do próprio cotidiano. É uma viagem que nos faz sonhar, pensar, rir e até chorar. Uma viagem para dentro de nós mesmos. (BRANDÃO, 2003, p.6)

Poderíamos dizer que “viagem” é o vocábulo-chave para entendermos a relação entre leitura e prazer existente no volume *Trem de Alagoas e outros poemas*, bem como para entendermos o que os editores objetivavam com a seleção de autores e textos feita para o referido volume.

A idéia da editora, apresentada nos trechos introdutórios, era a de fazer com que o leitor pudesse, através das imagens e personagens retratados nos poemas, conhecer o Brasil: sua gente, seus costumes e suas paisagens. Segundo Brandão (2003, p.5): “Com esta antologia poética, queremos convidá-lo a fazer uma viagem por nosso Brasil”.

Já a idéia da poesia como uma viagem desencadeia uma concepção de leitura que, como temos apresentado, está presente em todos os volumes que são objeto de nossa análise: a da leitura como entretenimento, evasão. As palavras relacionadas a esse tipo de leitura são recorrentes em todo o trecho: emoção, imaginação, imaginário, impressões, sentimentos. No entanto, no *Trem de Alagoas e outros poemas* temos explicitados quais elementos do texto poético - imagem, ritmo e idéias - seriam os responsáveis por essa viagem, que, assim como em *Palavras de Encantamento*, além de fazer com que o leitor se desligue da realidade e passeie por universos fantásticos, tem o poder também de permitir que esse leitor se encontre consigo mesmo, com o seu mundo interior.

### 3. Considerações finais

A análise dos prefácios e a observação da seleção de textos e autores dos três volumes de poesia analisados nos apontam, como mostramos ao longo do artigo, uma concepção que faz parte de toda uma tradição de incentivo à leitura no Brasil, sedimentada, em especial, através de campanhas, tanto do governo federal quanto da iniciativa privada, e que associa a leitura ao prazer, ao universo do entretenimento. A todo momento, os prefaciadores das obras em questão estão tentando provar para os leitores o quanto ler pode ser divertido, prazeroso, estando a leitura sempre relacionada ao despertar da emoção, da evasão, do imaginário,

contribuindo, inclusive, para que o leitor entre em contato não apenas com o mundo exterior, mas também, como comentamos logo acima, com o seu universo interior, consigo mesmo.

## Referências

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes. (org.). **Ler e navegar**: Espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado Aberto, 2001.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRANDÃO, Eduardo. Introdução. In: RIVERA, Lorenzo Luis. **Trem de Alagoas e outros poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Brasília: Editora UnB, 1999.
- LAJOLO, Marisa. Carta aos leitores. In: LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal. **Palavras de encantamento**. São Paulo: Moderna, 2001. (Literatura em minha casa).
- MACHADO, Ana Maria. Poesia: semente de toda a literatura. In: PESSOA, Isa. **Cinco Estrelas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Literatura em minha casa).
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1991.